

Brasil rouba mercados da China, da Índia e da Rússia

Karina Nappi

O Brasil teve entre 1995 e 2008 ganhos de mercado em relação aos demais países que compõem o bloco comercial denominado BRIC (China, Índia e Rússia). Na análise da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), a variação foi de US\$ 13 bilhões em relação à China, US\$ 27 bilhões frente à Índia e US\$ 45 bilhões em relação à Rússia. Isso significa que há produtos com os quais as exportações brasileiras ganharam participação de mercado, ao mesmo tempo em que a oferta dos outros três países perdeu espaço.

De acordo com Renato Baumann, diretor da Cepal, há mercados "como o Mercosul, a América Central, Ásia e a Oceania" em que se observam perdas líquidas preocupantes na comparação com a China, mas de modo geral houve, nestes treze anos, um ganho de mercado.

"A questão relevante é que a magnitude dos ganhos líquidos por parte do Brasil é ínfima se comparada aos ganhos líquidos da China: US\$ 13 bilhões, contra US\$ 522 bilhões. Isso significa que nesse período foram criadas oportunidades de exportação que o Brasil soube aproveitar em parte, e que a China foi muitíssimo mais beneficiada, aumentando sua parcela de mercado onde o Brasil sofreu retração em valores bem mais expressivos em todos os mercados. E isso foi particularmente marcante nos principais mercados: EUA, Europa Ocidental e Ásia. No caso da concorrência com a Índia, o resultado é mais favorável ao Brasil; em relação à Rússia, os ganhos brasileiros são menores do que os ganhos russos, e não surpreende que isso esteja relacionado ao comércio com a Europa Ocidental e Ásia, tradicionais mercados dos produtos energéticos russos", avaliou Baumann, durante o lançamento do livro *O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política*, no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

"A China é, sim, a nova oficina da manufatura mundial, e isso é uma ameaça para o Brasil, caso o País não passe por uma estratégia de fortalecimento, principalmente na América do Sul. Ou fazemos isso ou seremos prejudicados", avalia o coordenador de Pesquisas e Estudos de Economia e Política Internacional do Ipea, Marcos Antônio Macedo Cintra.

"Mas, ao mesmo tempo, com os ganhos que temos por exportarmos muito à China, geramos dólares que podem fortalecer a economia e a indústria brasileira para buscar esses objetivos, principalmente na América do Sul", frisa Cintra.

"Precisamos estimular novas políticas econômicas e criar agendas nacionais, regionais e internacionais no País, visando a reduzir o custo Brasil, melhorar a infraestrutura, a legislação e a qualidade da mão de obra e os vínculos com países vizinhos", acrescentou Baumann.

Na Índia, como na China, a maior parte (58%) dos produtos com indicação de vantagens comparativas está concentrada em manufaturas. Foram identificados pouco mais de 200 produtos com os quais o Brasil tem vantagens comparativas. A maior parte deles está concentrada em produtos alimentícios e animais vivos, materiais crus não comestíveis, produtos químicos, artigos manufaturados e máquinas e material de transporte.

No caso da Rússia, aquilo em que ela difere dos demais países é a redução do número de produtos com os quais há indicação de vantagens comparativas. E isso ocorre sem grandes alterações da concentração setorial: nos dois períodos, 60% dos produtos identificados com indicação de vantagens comparativas estão concentrados em produtos químicos e manufaturas em geral.

O peso dos BRIC no comércio mundial (exportações e importações) passou de 9,8% em 1990 para 22,6% em 2008, praticamente o dobro de sua presença no produto total mundial. A presença desses países foi em 2008 mais expressiva enquanto origem de exportações (11,3% do total mundial) do que como absorvedores de produtos de terceiros (9,5% das importações totais). Em conjunto, esses países passaram de representar 7,5% do PIB mundial em 1990 a 11,7% em 2008.

A contribuição mais expressiva foi a da China, cujo peso relativo mais que triplicou nesse período. O Brasil manteve inalterado o seu peso, enquanto a russa era em 2008 menos da metade do que representava em 1990.



Fonte: DCI, São Paulo, 29, 30 e 31 maio 2010, Primeiro Caderno, p. A4.